

**A CIDADE COMO TELA:
As brigadas muralistas nas cidades de Olinda e Recife (1982-1990)**

Elizabet Soares de Souza

Universidade Federal Rural de Pernambuco

elizabethistoria@gmail.com

Com a decretação da anistia, Pernambuco tornou-se palco de várias atividades culturais, mas uma delas teve um especial destaque por unir elementos artísticos e políticos: as eleições de 1982. Essas atividades representaram um novo momento da propaganda política, sobretudo no Estado de Pernambuco, mas existiam barreiras impostas para limitar o avanço de novos partidos criados com a recente abertura política, resultando na manutenção do poder sob a égide dos partidos tradicionais.

Entre as medidas utilizadas vale lembrar que, naquela época, vigorava a Lei Falcão¹, instituída na Ditadura Militar, que proibia a propaganda eleitoral e permitia apenas a veiculação de programas mediados pela censura. A lei tinha como principal propósito limitar a propaganda do partido de oposição ao governo, o MDB.

O movimento de Brigada Muralista² teve início com um mural pintado na Rua da União, no Bairro da Boa Vista³ – Recife, e foi denominado Brigada Portinari. As motivações relativas à escolha do nome giram em torno da coerência tanto ideológica quanto profissional do pintor. Cândido Portinari militou no Partido Comunista até poucos anos antes de sua morte, em 1962, bem como vivenciou diferentes momentos em sua produção artística, tendo produzido uma parcela significativa dela por encomendas (assim como muitos dos murais propagandísticos) tanto de gêneros tradicionais, como retratos, quanto de murais histórico-nativistas, elaborados para instituições públicas ou privadas⁴.

É preciso entender, dessa forma, que em ambos os casos a imagem da propaganda era produzida com o objetivo de conquistar o apoio popular para o momento histórico-político que os dois lugares atravessavam. No Chile, os murais buscavam conscientizar a população quanto às tendências socialistas e, em Pernambuco, quanto ao momento de abertura política. Nesse sentido, os murais representavam não apenas valores políticos e ideológicos, mas também tensões internas no campo político.

As imagens produzidas pelas brigadas trazem cenas do cotidiano, fazendo com que a população, de um modo geral, se identifique com elas, podendo, inclusive, interagir com as obras no momento de sua criação. Não é raro perceber elementos artísticos diferenciados no mesmo mural. Alguns deles apresentam rabiscos ingênuos, indicando que alguma criança passou por ele no momento de sua elaboração e ajudou a compor a “tela”.⁵

É possível perceber cenas cotidianas das ruas das cidades de Olinda e Recife, na imagem abaixo. O ônibus elétrico, que não atingia as grandes velocidades dos ônibus convencionais, era comumente utilizado para pegar carona (o famoso bigu) pelos garotos que viviam nas ruas. As frases utilizadas remetiam sempre às mudanças pelas quais o Estado passaria, lugar comum dos partidos de oposição.



Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Com elementos do cotidiano, os murais das brigadas pretendiam aproximar arte e povo

O muralismo brigadista vivenciado em Pernambuco tem como uma de suas principais propostas transformar o processo de criação da arte em um ato democrático e coletivo. Os murais eram realizados ao ar livre, em grandes painéis, sem os limites da tela, procurando interagir com o cotidiano das pessoas. Um dos fundadores da Brigada Portinari, Luciano Pinheiro, afirmou que o movimento era a realização de um sonho:

...ir às ruas, fazer arte nos muros das cidades, entrando em contato e participando com a população do mistério que envolve a arte, de modo geral limitada às paredes dos ateliês, cavernas e úteros. Era uma forma participativa para um trabalho conjunto possível na prática, a partir da comunhão, do respeito e da crença do homem como ser social.⁶

Por outro lado, José Claudio, artista também engajado na arte mural, declarou que a propaganda política existente era mais um detalhe, o importante mesmo era colorir a cidade e divulgar seus trabalhos:

A propaganda eleitoral era somente um pretexto. Me interessava era pintar muros, fazer figuras de dez metros ou mais ao longo das paredes, sem preocupação de espaço; e ter de parir na hora, sem elucubrações de ateliê: eu riscando na frente, a carvão e a “equipe”⁷ enchendo as áreas de acordo com as disponibilidades de tintas, pincéis, latas e a iniciativa de cada um.⁸

Os artistas pertencentes ao movimento que utilizava a pintura mural para a realização de propaganda política se declaravam “tocados pela experiência, frisando que já não eram os mesmos de antes”, e ainda que “alguns descobriram o espaço aberto, amplo fugindo às dimensões normais de uma tela”⁹. Uma das características do movimento era a liberdade artística. Fica clara, nesse sentido, a não aceitação da institucionalização da Brigada Portinari e, por esse motivo, ela se multiplicou em muitas outras como Cor de Rosa e Gregório Bezerra¹⁰. Em entrevista ao Jornal do Commercio, o artista José Claudio lembrou que:

Embora o PMDB tenha perdido no Estado, em todas as cidades onde as brigadas atuaram, ele venceu. Isto é, ganhou Prefeituras. Sem dúvida o movimento Brigada Portinari ainda poderá dar muito o que falar, pois é campo para estudo não só da arte como nos setores social, psicológico e especificamente político.

A propaganda feita nos muros era considerada o último recurso dos partidos para apresentar aos eleitores suas propostas. Realizada por meio de grande pressão ao governo, o intuito era que a Lei Falcão fosse revogada. O então vereador do Recife pelo PMDB, Luiz Vidal, declarou que:

A repressão do regime contra a manifestação política nos últimos anos tornou a máxima na famigerada Lei Falcão. Em função desta lei, os candidatos

tiveram que apelar para o último recurso a fim de se apresentarem aos eleitores – um respiradouro através de qual sobrevivesse a campanha: a pichação dos muros e paredes na cidade.¹¹

Percebemos dessa forma, a importância dos murais brigadistas para a integração da população com o processo político que se desenrolava no Estado. Tão importante que, na eleição seguinte ao governo do Estado, em 1986, haverá não só a continuidade da brigada existente, como o surgimento de novas brigadas, transformando as cidades de Olinda e Recife em um imenso atelier a céu aberto.

Apesar da grande mobilização gerada pelos artistas, que ocasionou a junção de mais pessoas ao movimento, não foi satisfatório para declarar a vitória do partido da oposição. Mesmo ganhando nas cidades onde a Brigada atuou, tal fato não foi suficiente para evitar derrota do partido apoiado pelo movimento brigadista. sofrida nas cidades, sobretudo aquelas localizadas no interior do Estado.

Não só o movimento liderado pelos artistas plásticos foi usado para garantir os votos, como também grandes comícios foram realizados para conquistar a população nos momentos que antecederam a ida às urnas. O PDS, tentando cooptar a oposição, realizou, no dia 31 de outubro, um grande comício no bairro de Casa Amarela (considerado um tradicional reduto oposicionista), que reuniu 40.000 pessoas. Na mesma manhã, o PMDB reuniu na praia de Boa Viagem perto de 100.000 pessoas, muitas delas atraídas pelos shows realizados por Chico Buarque, Simone e Clara Nunes.¹² A oposição necessitava atingir ao menos 70% dos votos na capital para abarcar a derrota já esperada nas cidades do interior do Estado.

No entanto, percebemos que o movimento criado para angariar votos para os partidos políticos não se considerava derrotado. A mobilização gerada pelos artistas plásticos tomou grandes proporções, sendo difundida em muitas outras formas de manifestações. Outras brigadas de artistas plásticos se formaram em eleições seguintes para apoiar os mais diversos candidatos. Nos pleitos que se seguiram, perceberemos a criação de diversas mobilizações artísticas para fins políticos como formação de brigadas de humoristas, cordelistas, músicos e atores. Dessa forma, não podemos que o movimento não deu certo. A sua propagação dos murais brigadistas é um reflexo disso.

A campanha de 1986 apresentou uma grande aglomeração de atividades artísticas, que resultou na formação de diversas manifestações das mais variadas formas para conseguir votos. Percebemos que os muros das cidades de Olinda e de Recife ganharam um maior número de pinturas artísticas. Nesse momento, é registrado o fortalecimento da brigada já existente (Brigada Portinari), bem como o surgimento de novas brigadas.

Podemos dizer que a eleição de 1986 responde aos anseios contidos na eleição anterior (1982). É o momento da candidatura de Miguel Arraes para governador no qual a população se mostra, de modo geral, mais engajada nas decisões político-partidárias.

Apuradas as urnas, percebeu-se que em 15 de novembro de 1986 o eleitorado havia declarado seu vencedor: Miguel Arraes de Alencar. O candidato do PMDB venceu nas três mesorregiões de maior eleitorado: Recife, Zona da Mata e Agreste, perdendo apenas no Sertão.¹³

Além disso, constatou-se que Arraes venceu muito bem na Região Metropolitana, obtendo 68% dos votos válidos contra 32% de José Múcio. Arraes conseguiu, inclusive, o mesmo percentual de Marcos Freire na eleição de 1982, porém tendo mais votos das classes menos favorecidas. Para Abelardo Baltar da Rocha¹⁴,

O “mapa” eleitoral da RMR [Região Metropolitana do Recife] apresentou situações diversas, variando as proporções de área para área, ao contrário do que ocorreu em 1982, quando a distribuição espacial do voto foi mais homogênea. Arraes esmagou nas áreas onde predominava o povão e equilibrou na classe média. Marcos ganhou em todos os segmentos, entretanto obteve percentuais menores do que Arraes nas áreas onde residem as populações pobres. A eleição de 1986 foi, portanto, mais ideologizada do que a de 1982. O voto de Marcos foi o voto contra o regime autoritário. O voto de Arraes foi, sobretudo, o voto pelo direito de cidadania das populações mais pobres.¹⁵

Vários são os fatores que contribuirão para essas questões, com a propaganda política mais perto da população. Um deles foi o próprio poder da mídia, agora aliada nas campanhas propagandísticas.

Percebemos, neste momento, a televisão transformada em um grande palanque eletrônico, porém não apenas uma transposição do palanque tradicional, mas uma forma inovadora de propaganda acompanhando as sofisticções do veículo, por meio de uma linguagem mais próxima da realidade dos telespectadores/eleitores.

Dois partidos saem na frente com um formato diferenciado, apresentando suas propostas através de jornais. São eles o PMDB, com a TV PMDB, e o PFL (Partido da Frente Liberal), com a TV VERDADE. Para Ricardo Rodrigues, jornalista e professor de comunicação, a iniciativa proporcionou um dinamismo na propaganda, saindo da monotonia da propaganda vivenciada na campanha anterior, ficando, portanto:

Substituída por entrevistas simuladas, narração de fatos políticos pertinentes à campanha, debates de temas por candidatos, embora com restrição ao tempo de permanência no ar, e veiculação de anúncios de políticos pertencentes às chapas em questão.¹⁶

Devemos entender dois aspectos importantes para influência da televisão e sua utilização na propaganda política. Um deles se refere a melhorias na infra-estrutura de telecomunicações no Estado. Vale ressaltar que nesse período há um interesse em levar a informação a todos os municípios do Estado, com a implantação do TV TROPICAL, um sistema de economia mista, financiada pelo governo estadual e ligada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). No entanto, em março de 1979, apenas 25 municípios do Estado recebiam sinal de televisão. Esse número subiu consideravelmente em fins de 1982, com todos os 167 municípios recebendo imagens da Rede Globo de Televisão.

Outro aspecto referente à propaganda televisiva corresponde às questões legais. Como foi mencionado, anteriormente, a existência da Lei Falcão era um empecilho aos partidos, que tinham que usar de todos os meios cabíveis para comover a população na luta pelo poder. Como não eram permitidos filmes, apenas fotografias, os candidatos, por meio de grandes empresas publicitárias, filmavam sequências de imagens, muitas em preto e branco, com o objetivo de apresentar ao telespectador a noção de movimento.

Somente em julho de 1986, com a Lei 7.058, as barreiras impostas pela Lei Falcão, ao menos em parte, foram derrubadas, segundo Ricardo Rodrigues:

Essa lei resguardou algumas restrições de leis anteriores, tais como o horário eleitoral gratuito como pressuposto igualitário, mantendo a proibição de qualquer propaganda política paga à exceção da divulgação de currículos na imprensa escrita. Além disso, proporcionou uma distribuição de segmentos do horário entre os vários partidos de maneira que beneficiava exclusivamente os partidos majoritários, uma vez que os partidos com maior representação no Congresso e nas Assembléias Legislativas recebiam parcelas maiores.¹⁷

Mais do que permanências, a Lei 7.058 apresentou rupturas no modo de fazer propaganda no horário eleitoral gratuito. Os partidos, não mais limitados, juntamente com as agências publicitárias realizaram programas assistidos e ouvidos por uma grande fatia da população.

Percebemos, dessa forma, uma modificação no modo de fazer campanha, e o maciço investimento dos partidos nos guias eleitorais. Era comum utilizar imagens preparadas de comícios e passeatas com o intuito de induzir o eleitor à vitória certa dos partidos. Foi assim com o PFL, com a “corrente humana”, formada por partidários dando-se as mãos e unindo Boa Viagem a Olinda. Outro a utilizar dos artifícios foi o PMDB que, desde o primeiro guia eleitoral, mostrava um trem repleto de partidários de Miguel Arraes, fazendo uma referência simbólica à largada para a vitória. Já no final da campanha, a transmissão era de comícios lotados, apoio de personalidades do meio artístico, bem como personagens simples, com quem o eleitor se identificava.

A Brigada Portinari serviu de exemplo para a organização de outras brigadas muralistas, como, por exemplo: Cristina Tavares, Arraes, Gregório Bezerra, Lula Cardoso Ayres e, num momento posterior, a Brigada Henfil (1988), entre outras. Segundo Luciano Pinheiro, em depoimento à Joanna D’Arc de Sousa Lima, um dos fundadores da Brigada Portinari:

Foram fundadas na decorrência da Portinari diversas brigadas de outros partidos, de várias colorações, das de esquerda às de direita, da Brigada Gregório Bezerra a... sem querer caracterizar Lula Cardoso Ayres de direita, mas foi o nome da brigada que os candidatos de direita usaram.¹⁸

Nesse período, há registro de mais de uma brigada fazendo campanha para o mesmo candidato, como podemos observar acima. Nessa imagem, a Brigada Chico Mendes realizou propaganda para a candidata Cristina Tavares, também apoiada pela Brigada Portinari.

Percebemos na eleição de 1986 a criação de outros tipos de brigadas como a que foi formada por músicos e buscava fortalecer a imagem do candidato Arraes: a Brigada Pernambuco Cantando Para o Mundo. Havia também a Brigada Barão de Itararé, composta por humoristas, e outra formada por atores, que reunia grupos de várias escolas de formação, todas com o mesmo papel: divulgar o nome de Arraes pelo Estado.

O engajamento nas atividades políticas pelos jovens era latente nas campanhas eleitorais no Estado. Festas com personalidades locais e nacionais faziam sucesso, e acarretava muitas vezes a adesão dos indecisos nessa parcela da população. É o caso de Grupo Jovem do PMDB que realizou, na Praia de Boa Viagem, o evento denominado “Meu primeiro voto é de Arraes”. O show foi uma homenagem à juventude pernambucana, por ser exatamente na faixa dos 18 aos 25 anos que o candidato a governador pelo PMDB tinha o maior índice de intenção de votos, segundo todas as pesquisas realizadas. Zizi Possi e sua banda, Teca Calazans, Reginaldo Rossi, o conjunto de rock paulista “Sindicato” e os integrantes da Brigada “Pernambuco Cantando Para o Mundo” cantores e grupos musicais de Pernambuco que apoiavam a candidatura de Miguel Arraes – são alguns dos artistas que participaram.

Na ocasião, Miguel Arraes falou aos jovens no final da manhã no imenso palanque que foi armado na praia. “Roque e Política”, como foi o noticiado pelos jornais, a festa contava com mais de 20 artistas e “caixas de som de 35 mil watts”, além das barracas instaladas próximas aos palanques para a distribuição de propaganda e venda de camisetas, comida e bebida:

O Grupo Jovem do PMDB, responsável pela festa, já conta com 500 integrantes, que realizaram diversos tipos de trabalho: desde o “porta-a-porta” em bairros do Recife, até a divulgação da candidatura de Miguel Arraes em colégios e universidades, além de organizar promoções artísticas, como as brigadas “Portinari” de artistas plásticos que pintam muros para os

candidatos da Frente Popular de Pernambuco; a “Olegário Mariano” de poetas e a “Cantando para o Mundo”, que já promoveu diversos shows no Recife.¹⁹

Havia ainda uma espécie de “disque mural”, um serviço promovido pelo comitê arraesista que buscava divulgar ainda mais o talento dos artistas e o nome do candidato. A campanha foi chamada de “Pintando seu Muro”, lançada pela Brigada Portinari. Para Tereza Rozowykwiat, biógrafa de Arraes:

O movimento “Pintando Seu Muro” tinha por objetivo substituir a tradicional pichação com spray por painéis artísticos, de colorido forte e temática política. Quem quisesse ter seu muro pintado, era só comunicar o fato ao comitê arraesista.²⁰

Essas ações de grupos aglutinavam artistas mais experientes e também os mais jovens, que ficavam contaminados pelo clima de liberdade de manifestação política e criativa, pois era uma excelente oportunidade de pintar grandes superfícies, expressar-se e interagir com a população. A iniciativa das brigadas possibilitou a esses artistas exporem a sua arte, ampliando as fronteiras do campo para novas e ousadas atitudes.

As campanhas para o governo do Estado, no entanto, não contaram com o apoio desse movimento por muito tempo. As brigadas não perduraram e já na eleição seguinte não havia mais o registro desse tipo de propaganda nos muros das cidades

¹ A Lei nº 6.339, de 1º de julho de 1976, ficou muito conhecida por esse nome devido ao seu criador, o então Ministro da Justiça, Armando Falcão.

² A denominação “brigadas muralistas” se baseou no estudo desenvolvido pela historiadora Carine Dálmas, intitulado: **Brigadas Muralistas e Cartazes de Propaganda da Experiência Chilena (1970-1973)**.

³ Fonte: **Jornal do Commercio**. Data: 01/12/1990.

⁴ Portinari também era conhecido por sua militância política. Em 1945, alista-se no Partido Comunista. Foi candidato a deputado federal por São Paulo, fazendo constar no seu programa uma exposição na capital paulista proibida pelas autoridades. Em 1947, candidata-se novamente, desta vez a senador, no entanto o clima de animosidade e as diversas intimações para depor na polícia fazem-no sair do Brasil, só retornando 1948, coincidindo com a dissolução do Partido Comunista pelo governo e a consequente cassação dos mandatos de seus representantes. Fonte: FABRIS, Annateresa. Portinari, pintor social. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1990, p. 19.

⁵ **Diário de Pernambuco**, 02 de setembro de 1982, pág. B-1.

⁶ **Jornal do Commercio**, 01/12/1990. Caderno C (capa)

⁷ A fonte não traz referência ao grifo, mas, diante das pesquisas, entendemos “equipe” como algo bastante coletivo, pois a elaboração dos murais não se restringia apenas aos artistas, eram realizados também com a ajuda da população, que não passava alheia àquela movimentação.

⁸ Jornal do Commercio, 01/12/1990. Caderno C (capa).

⁹ Jornal do Commercio, de 03 de abril de 1983, pág. 8

¹⁰ As brigadas Gregório Bezerra e Cor de Rosa surgiram a partir da idéia lançada pela Brigada Portinari. No entanto, ainda esperamos encontrar referências maiores sobre essas brigadas, principalmente por meio de um trabalho futuro que pretendemos realizar com a memória dos participantes desses movimentos.

¹¹ **Diário de Pernambuco**, de 11 de julho de 1982, pág. A-6.

¹² Fonte: **Revista Veja**. 10 de novembro de 1982.

¹³ LAVAREDA, Antônio e ANDRADE Bonifácio. In LAVAREDA, Antônio (Org.) *A Vitória de Arraes*. Recife: M. Inojosa LTDA, 1987, p. 12

¹⁴ Abelardo Baltar da Rocha era, em 1986, técnico do Departamento de Planejamento Sócio-Econômico (PSE) da SUDENE e Diretor do Departamento de Estudos e Pesquisas do Instituto dos Economistas de Pernambuco.

¹⁵ ROCHA, Abelardo Baltar da. Arraes: a vitória das alianças e um governo de esperanças. In LAVAREDA, Antônio (Org.) *A Vitória de Arraes*. Recife: M. Inojosa LTDA, 1987, p. 44

¹⁶ RODRIGUES, Ricardo. In: LAVAREDA, Antônio (Org.) *A Vitória de Arraes*. Recife: M. Inojosa LTDA, 1987. p. 85.

¹⁷ Idem. p. 88.

¹⁸ Fragmento retirado da Revista do Conselho Municipal de Cultura “ArRecifes”, ano 29, nº 9, dez 2004. p. 41.

¹⁹ **Diário de Pernambuco**, 03 de setembro de 1986, pág. A-4

²⁰ ROZOWYKWIAT, Tereza. *Arraes*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

ANDRADE, Manuel Correia de. *1964 e o Nordeste: golpe, revolução ou contra-revolução?* São Paulo: Contexto, 1989.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A escrita da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007

CANCLINI, Nestor García. *A Socialização da arte: teoria e prática na América Latina*. São Paulo: Cultrix, 1980.

DÁLMAS, Carine. *Brigadas muralistas e cartazes de propaganda da experiência chilena (1970-1973)*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo.

FABRIS, Annateresa. *Portinari, pintor social*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

FALCÃO NETO, Joaquim de Arruda (Org.). *Nordeste: Eleições*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985.

FREIRE, Marcos. *Última palavra*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1980.

LAVAREDA, Antônio e SÁ, Constança (Org.) *Poder e voto: luta política em Pernambuco*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1986.

LAVAREDA, Antônio (Org.). *A vitória de Arraes*. Recife: M. Inojosa LTDA, 1987.

POLLACK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. Trad. de Dora Rocha Flaksman. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, p. 3-15, 1989.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROZOWYKWIAT, Tereza. *Arraes*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

SCHMITT Ricardo. *Os partidos políticos no Brasil: (1945-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SOUZA, Elizabet Soares de. *Entre a anistia e a vitória de Arraes: a arte como propaganda política e a redemocratização em Pernambuco (1979-1986)*. Recife, 2009. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco.